

## **FÉ E SEGUIMENTO: AS GRANDES LINHAS DO DISCIPULADO CRISTÃO EM MT 5-7\***

**Faith and following: the great lines of Christian discipleship in Math. 5–7**

**Jerry de Sousa Fonseca\*\***

### **Resumo**

O Sermão da Montanha (Mt 5-7) evidencia a identidade de Jesus enquanto Mestre que, além de dar instruções, convoca seus discípulos e os convida a viver o modo de proceder do Reino e de quem está centrado em Deus. A proposta de Jesus, assumida pela fé, desafia os discípulos a serem coerentes com a justiça do Reino de Deus. O lugar de aprendizado é a própria vida, o mundo. É no caminho do discipulado que se aprende a ser verdadeiro discípulo. A meta é, precisamente, o modo de agir de Deus, expresso na prática da vontade do Pai, por parte do discípulo. O objetivo principal deste trabalho consiste em explicitar os eixos fundamentais para o discipulado do Reino, no Sermão da Montanha (Mt 5-7): a vida centrada em Deus, a justiça dos discípulos, as opções a serem feitas no seguimento de Jesus e a prática que corrobora a fé cristã. O objetivo específico, por sua vez, consiste em mostrar que as grandes linhas do discipulado cristão, expressas em Mt 5-7, permanecem inegociáveis e constituem o cerne da vocação cristã. Sobretudo, num contexto de distanciamento entre fé e vida, urge insistir no modo de agir do discípulo de Jesus. A metodologia escolhida foi a de pesquisa bibliográfica. O resultado a que se chegou, de fato, confirma o que se pretendia: evidenciar os eixos irrenunciáveis do

\* Artigo enviado em 31-10/2013 e aceito para publicação em 06/11/2013.

\*\* Bacharel em Teologia pela FAJE. É frade carmelita. E-mail: Freijerry@gmail.com

seguimento de Jesus, quais sejam: a vontade de Deus como imperativo para o discípulo, a justiça do Reino dos Céus que se deve buscar em primeiro lugar, o discernimento acerca das opções a serem feitas no caminho e a fidelidade ética que norteia a vida de quem se propõe a seguir os passos de Jesus, o Mestre por palavras e obras.

**Palavras-chave:** discípulo; seguimento de Jesus; Reino de Deus; justiça; vontade de Deus; fé.

### **Abstract**

The Sermon on the Mount (Matthew 5-7) reveals the identity of Jesus as a Master who, besides giving instructions, calls his disciples and invites them to live the way of proceeding of the Kingdom and who is God-centered. The proposal of Jesus, assumed by faith, challenges the disciples to be consistent with the justice of the Kingdom of God. The place of learning is life itself, the world. It is the path of discipleship that we learn to be a true disciple. The goal is precisely the mode of action of God, expressed in the practice of the will of the Father, by the disciple. The main objective of this work is to clarify the fundamental axes for discipleship of the kingdom in the Sermon on the Mount (Matthew 5-7): the God-centered life, justice of the disciples, the choices to be made in following Jesus and practice which supports the Christian faith. The specific objective, in turn, is to show that the main lines of Christian discipleship, expressed in Matthew 5-7, remain non-negotiable and are at the heart of the Christian vocation. Especially in the context of distance between faith and life, it insists on urgent manner of the disciple of Jesus. The methodology chosen was to the literature. The result had been reached indeed confirms what was intended: irrefutable evidence the axes of following Jesus, namely: the will of God as essential to the disciple, the justice of the Kingdom of Heaven we must seek first place, discernment about the options to be made in the way and fidelity ethics that guides the lives of those who intend to follow in the footsteps of Jesus, the Master in word and deed.

**Keywords:** Disciple; Following Jesus; Kingdom of God; Justice; God's will; Faith.

## 1. Introdução

Fato inegável, ao estudar o evento Cristo e a repercussão de seu legado para a comunidade cristã, é a exigência de um testemunho coerente com a fé professada. A proposta de Jesus, assumida na fé, desafia os discípulos a viverem de acordo com a justiça do Reino dos Céus. O modo de vida de quem empreende o caminho do seguimento de Jesus constitui-se no diferencial que possibilita o reconhecimento do “estar conosco” de Deus, junto à humanidade. Jesus Cristo é o Deus conosco. É o Servo que sempre viveu em fidelidade ao querer de Deus.

O presente trabalho procurou, justamente, explicitar os eixos fundamentais do discipulado do Reino, a partir do relato bíblico conhecido como o Sermão da Montanha (Mt 5-7). O evangelista Mateus constrói, em sua obra narrativo-teológica, uma verdadeira catequese do discipulado cristão. O primeiro grande discurso de Jesus, no Evangelho de Mateus, traça algumas das principais linhas do discipulado: a vida centrada em Deus, a justiça dos discípulos, as opções a serem feitas no seguimento de Jesus e a prática que corrobora a fé professada.

Num contexto de distanciamento entre fé e vida, parece-nos urgente insistir no modo de agir do discípulo de Jesus. Não obstante a distância que separa a comunidade mateana da Igreja atual, os temas centrais para o discipulado do Reino, traçados pelo teólogo Mateus, permanecem inegociáveis. Sobretudo, o preceito basilar do Evangelho: “*Quero a misericórdia, não o sacrifício*” (Mt 9,13;12,7). A relevância pastoral do tema impõe-se.

Nosso artigo divide-se em duas partes. Na primeira, analisaremos o Sermão da Montanha (Mt 5-7), enquanto súmula do *ethos* cristão. Veremos a estrutura, o conteúdo, o objetivo e o lugar do primeiro grande discurso de Jesus elaborado por Mateus. Privilegiaremos, no conjunto desta análise, a perícopé das bem-aventuranças (Mt 5,3-12). Estas se constituem como ilustrações da vida centrada em Deus e na dinâmica do Reino. Buscamos recuperar o sentido que as bem-aventuranças tiveram na pregação de Jesus e na catequese de Mateus. Esta primeira parte diz respeito às subdivisões de 1 a 4.

A segunda parte dedica-se ao discipulado cristão, propriamente dito. Lançamos o olhar para o discípulo, em sua condição de filho de Deus, em comunhão com o próximo, no trato com as criaturas, o discípulo com as paixões ordenadas e, por fim, intentamos traçar a identidade do discípulo

do Reino, conforme a narrativa de Mateus 5-7. Tratam-se dos subitens de 5 a 9.

A perspectiva é claramente ética. O foco está no modo de agir do discípulo. Quem adere a Jesus pela fé é chamado a vivenciar a maneira de Deus agir. O verdadeiro discípulo é, tão-somente, quem ouve a Palavra e a põe em prática.

## **2. Mt 5-7 - Súmula do *ethos* cristão**

A adesão ao projeto de Jesus compromete os discípulos com o querer de Deus. Tal compromisso se expressa pelo empenho ético em viver conforme o modo de agir de Deus. A dimensão ética da fé cristã constitui-se, precisamente, na pedra de toque dos que se dizem seguidores de Jesus. Afinal, não é suficiente reconhecer Jesus como Senhor (cf. Mt 7,21). O diferencial está na prática que corrobora a fé professada. A práxis será a medida capaz de mensurar quem, de fato, está em comunhão com a vontade do Pai. Por seus gestos e suas palavras, Jesus encarna, de modo inequívoco, a justiça do Reino dos Céus. O discípulo fiel deve estar atento às opções a serem feitas no seguimento de Jesus, com o objetivo de viver a justiça e estar centrado em Deus.

O Sermão da Montanha apresenta Jesus como o Messias por palavras. Tal discurso é a primeira grande pregação de Jesus no evangelho de Mateus e reveste-se de um caráter fundamental. É apresentada a justiça do Reino dos Céus, tema central de Mt 5-7. Jesus propõe a verdadeira justiça da nova Lei, enquanto determinação do "espírito" pela qual os discípulos deverão pautar sua conduta. Além de dar instruções, o Mestre Jesus convoca seus discípulos a viverem o modo de proceder do Reino e de quem está centrado em Deus. A meta é, precisamente, o modo de agir de Deus, expresso na prática da vontade do Pai por parte do discípulo.

De fato, o Discurso Inaugural de Jesus, em Mateus 5-7, constitui-se em uma ética para o discipulado (cf. Mt 5,1b-2). A justiça do Reino dos Céus será a marca dos seguidores de Jesus que, assim, se distanciam da pretensa justiça dos escribas e fariseus (cf. Mt 5,20). A prática dos ensinamentos de Jesus, expressos no Sermão da Montanha, faz com que os discípulos exaltem o Pai do Céu (cf. Mt 5,16). Destarte, as obras do discípulo fiel convertem-se em anúncio eficaz de que o Reino está presente. O testemunho coerente daquele que segue o Senhor, porquanto aderiu pela fé à proposta do Reino, afeta todo o mundo. Torna-se,

portanto, uma ética para o povo de Deus e vontade de Deus para o mundo (cf. Mt 28,19ss).

Mateus tem a prática do querer de Deus como tema central de sua narração evangélica<sup>1</sup>. O Evangelho “das obras” é, ao mesmo tempo, expressão da graça. Os primeiros versículos do Sermão da Montanha apresentam uma chave cristológica: é Jesus quem fala aos discípulos. Mais adiante, ensina-lhes a orar, chamando Deus de Pai. Justamente o Pai-Nosso (Mt 6,9-13) aparece como texto basilar do Sermão do Monte<sup>2</sup>. Neste texto, se compreende o verdadeiro sentido da Lei e dos Profetas: o preceito central do amor. Deus é Pai de todos (cf. Mt 5,43-45); o discípulo aberto para Deus faz a experiência da filiação; o discípulo em comunhão gratuita com o próximo vive autêntica fraternidade e supera o cálculo retributivo que gera exclusão (cf. Mt 5,46-47).

O preceito central do amor conjuga-se com outras exigências exemplares, constituindo-se como modelos da radicalidade na obediência que Deus espera (cf. Mt 5,21-25.43-47; 6,12). A vida do discípulo é caminho que tem por meta a perfeição (cf. Mt 5,20.48), ou seja, o modo de agir divino. Contudo, urge recordar que, para o discípulo, o lugar de aprendizado é a própria vida e o mundo com todos os desafios que se apresentam à prática do amor e da solidariedade. Devem os seguidores de Jesus ser o sal da terra e a luz do mundo (cf. Mt 5,13-14); estar inseridos na realidade, dispostos a ser o bom fermento em meio aos conflitos.

### **3. Desafios à Igreja mateana**

A obra teológico-literária de Mateus, à guisa de catequese narrativa, guiou-se pela linguagem e pela vida de sua comunidade<sup>3</sup>, na qual não faltavam obstáculos à fé e ao seguimento fiel de Jesus. Os grandes

---

<sup>1</sup> “Podemos dizer ainda que a chave de leitura de todo o Sermão do Monte, e mesmo do evangelho, é a prática da justiça (*dikaio syne*) que traduziu o termo hebraico *tsedaka*”. LOCKMANN, Paulo. Uma leitura do Sermão do Monte (Mateus 5-7): o Sermão do Monte no evangelho de Mateus. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 27. p. 48-55.1997.

<sup>2</sup> “El evangelista bordeó el sermón de la montaña con frases inclusivas a modo de círculos. Esta concepción ‘circular’ parece continuar dentro del sermón de la montaña. Este aparece contruido simétricamente alrededor de un centro, que es el Padrenuestro (6,9-13). Las secciones anteriores y posteriores al Padrenuestro se corresponden entre sí”. LUZ, Ulrich. *El Evangelio según San Mateo: Mt 5-7*. Ed. Salamanca: Sigueme, 2001. pp. 259-260.

<sup>3</sup> Uma vez que o ponto de partida do narrador (Mt) é a vida da comunidade e o que estava sendo visado era o seguimento de Jesus, Mateus constrói uma instrução muito bem articulada num quadro narrativo que intercala relatos e discursos. A ênfase no Reino dos Céus deve suscitar no discípulo uma resposta de fidelidade à vontade do Pai. Do início ao fim do evangelho, se destacam as disposições e as atitudes que o verdadeiro discípulo é chamado a vivenciar. Para Mateus não há dúvida, Jesus é maior que Moisés; é o cumprimento pleno da Lei; é o definitivo agora.

desafios interpostos à fé da comunidade em crise, à qual Mateus dirige-se, foram:

a) **Judaísmo formativo** — após o ano 70 d.C., introduz-se no judaísmo uma tendência uniformizadora que acabava por distinguir o projeto judaico do projeto de Jesus. A destruição do Templo, após a Guerra Judaica (66-70 d.C.), forçou os grupos remanescentes, fariseus e escribas, a reorganizarem o judaísmo, reduzido a ruínas pelos romanos. Até este período, o cristianismo era considerado uma tendência dentro do judaísmo, embora, gradualmente, os cristãos começassem a assumir posturas divergentes do ambiente judaico.

Também o ingresso de gentios nas comunidades cristãs representou um complicador a mais nas relações entre a fé cristã e o judaísmo. Afinal, para aqueles não mais seria exigência submeter-se à Lei mosaica. Por outro lado, a uniformização das práticas religiosas, o consenso entre escolas rabínicas rivais, a fixação de um calendário comum para as festas, bem como a padronização da liturgia sinagoga e a definição do cânon das escrituras judaicas representaram um monumental esforço de manter viva a milenar herança religiosa do antigo Israel.

Para o judaísmo de estilo farisaico, a justiça significava o cumprimento da letra da Lei. O enrijecimento em suas tradições restringia por completo a presença de não judeus no ambiente sinagoga e rechaçava a centralidade de Jesus e sua mensagem. O cristianismo de matriz judaica viu-se desafiado a repensar a fé e, com ela, a pessoa de Jesus Cristo<sup>4</sup>. Para um cristão, a norma será a Boa Nova de Jesus, verdadeiro Moisés que conduz o Israel verdadeiro a cumprir toda a justiça. Ele é o novo Templo e, somente Nele, a Lei de Moisés encontra plena realização, pela prática da caridade (cf. Mt 5,17;6,12). O rompimento com o judaísmo formativo seria inevitável. Mateus assume a tarefa de confirmar a fé cristã que brotou de raízes semíticas, e isto num contexto de forte controvérsia<sup>5</sup>.

O judaísmo palestinese, antes de 70 d.C., caracterizava-se pela pluralidade. Os principais grupos religioso-políticos foram: os fariseus, os escribas, os saduceus, os zelotas e os essênios. Os fariseus eram um grupo leigo, com muita influência nas classes comerciais; tinham postura segregacionista e estavam mais ligados à sinagoga; cultivavam visão

---

<sup>4</sup> VITORIO, Jaldemir. Cristologia em contexto de conflito: o caso Mateus. *Convergência*. Rio de Janeiro, v.33. n.309. p. 45-65, jan/fev. 1998.

<sup>5</sup> "O Cristo mateano afronta-se com um judaísmo que constitui frente unida, hostil e irrevogavelmente empedernida. Este grupo monolítico é dominado pelos fariseus, dentre os quais se recrutam doravante os escribas. Esta imagem do judaísmo que Mateus traça não é produto da imaginação; corresponde às características do judaísmo rabínico de obediência farisaica, único sobrevivente da crise de 70 e, daí por diante, interlocutor exclusivo da Igreja". ZUMSTEIN, Jean. *Mateus, o teólogo*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 27.

hermenêutica em relação à Lei; eram contrários à ocupação romana, porém avessos à resistência armada. Para tal grupo, o sacerdócio tem importância relativa. Os escribas (*rabis*), praticamente, alinhavam-se aos fariseus em suas posições.

Os saduceus detinham o poder político e religioso e, também, controlavam a economia. Deste modo, exerciam a liderança social; estavam totalmente ligados ao Templo e ao sacerdócio; eram fundamentalistas em relação à Lei e favoráveis à dominação romana, pois daí dependia a sustentação de sua força e influência na sociedade.

Os essênios estavam vinculados ao sacerdócio, contudo, não aceitavam o modo como o sacerdócio era vivido em Israel; resistiam ao Templo e tinham uma hermenêutica própria em relação à Lei; eram contrários à ocupação romana. Esta posição era assumida, também, pelos zelotas que, no entanto, eram belicosos e resistiam, pela força, ao Templo e ao sacerdócio.

b) **Império Romano** — uma das principais provocações à comunidade mateana, a dominação política, militar e ideológica imposta pelo Império Romano levantava questões cruciais para a comunidade cristã siro-palestinese. O Estado Romano era sujeito absoluto, enquanto a justiça distributiva romana alcançava tão somente a minoria da população, os cidadãos do Império. A justiça do Reino dos Céus era bem mais que a *Pax Romana*, conceito ideológico que buscou justificar a violência imperial, com vistas a fortalecer a estrutura de dominação. Mateus tem em vista a práxis da Fé, pela vivência do amor cristão a todos, sem distinção. A não violência é ponto de honra para quem segue Jesus (cf. Mt 5,9.38-41).

O evangelista compreenderá que o grande desafio da comunidade de fé será vivenciar, com fidelidade, o discipulado cristão, em meio aos contravalores do Império. Assumir o senhorio de Jesus, em tal contexto, poderia significar por a própria vida em risco. Diante da força do aparato ideológico-militar imperial, seria possível sobreviver socioeconomicamente resistindo aos romanos? Como manter vivos os ideais cristãos, sob a pressão de uma mentalidade dominante e opressora? Mateus opor-se-á à violência dos romanos, mas sustentando que também a estes o Reino dos Céus deve ser anunciado (cf. Mt 10,18).

c) **Ambiente da comunidade** — A partir do texto mateano, pode-se deduzir que não faltavam desafios para o exercício prático da fraternidade. Seria possível viver em comunidade sem fanatismos, tirania, rancor e desejo de poder? Formada, em sua maioria, de judeu-cristãos,

estava localizada na região siro-palestinese (cf. Mt 4,24). Embora situada num contexto judaico, foi levada a fazer significativa hermenêutica a partir do Evento Cristo – continuidade/ruptura/superação – e crescer na capacidade de abertura aos gentios (cf. Mt 2,1-12;8,5-13;13,44-46). O projeto judaico distinguia-se, cada vez mais, do projeto de Jesus.

*Corpus mixtum*, assim constitui-se a comunidade mateana. As parábolas do joio e do trigo (Mt 13,24-30) e da rede que apanha peixes bons e maus bem o ilustram (Mt 13,47-50). A diversidade oportuniza crescimento na capacidade de acolher e respeitar o diferente e ir além da relação baseada em favores mútuos (cf. Mt 5,46-48). Outra marca desta comunidade era a organização, como se pode perceber no Discurso Eclesial (Mt 18). Pedro encarna a figura do líder comunitário; os líderes devem ser os primeiros a servir e a promover a dignidade dos mais fragilizados no corpo, os pequeninos. A disposição a perdoar deve ser pedra de toque nas relações. Por outro lado, a tentação de excluir quem pensa diversamente está sempre no horizonte (cf. Mt 13,28). O fermento dos fariseus e a religiosidade de aparências constituem um risco de contaminação das relações comunitárias (cf. Mt 16,5-12;6,1-4.16-18).

Deste modo, é possível perceber que a vivência do amor fraterno e a fidelidade à proposta de Jesus não estão, de antemão, garantidas. O discípulo sabe-se desafiado a entrar pela porta estreita (cf. Mt 7,13-14) do exigente compromisso com o Reino, em meio à realidade, por vezes hostil, à mensagem evangélica, tendo sempre em vista o querer de Deus. A catequese do verdadeiro discípulo que vive a justiça da Nova Lei, tema central da obra mateana, está presente, ao modo de súpula, no Sermão do Monte. Este ocupa lugar muito bem definido na teologia narrativa de Mateus, com objetivo claro e conteúdo em consonância com o conjunto da obra.

#### **4. Mt 5-7 - Estrutura, conteúdo, objetivo e lugar no conjunto da obra**

O evangelista Mateus tem objetivos catequéticos, missionários, eclesiais e teológicos muito bem definidos. Para tanto, elabora uma excelente obra literário-teológica, num quadro catequético narrativo com vistas a responder a uma série de questões que se levanta para a comunidade de fé em crise. O autor trabalha com as tradições existentes a respeito de Jesus, quais sejam, o Evangelho segundo Marcos e a fonte *Quelle*, acrescentando-lhes um material próprio (Smt). A comunidade de

Mateus era formada por muitos cristãos oriundos do judaísmo e pretendia manter a ligação com o tronco donde viera. O narrador Mateus bem entende que, para atingir seu objetivo, precisa trabalhar com os referenciais oferecidos pelo judaísmo ao elaborar os ensinamentos a respeito de Jesus<sup>6</sup>.

A vida e os ensinamentos de Jesus serão relidos em contraposição aos grandes personagens da história de Israel. O texto de Mateus trabalha com a dinâmica de continuidade, ruptura e superação. A vida e a ação do Messias Jesus estavam em perfeita harmonia com a tradição de Israel. Ao mesmo tempo, sublinha a ruptura de Jesus com a história passada e, por fim, mostra a superioridade de Jesus em relação a todos os grandes nomes da economia salvífica da antiga Aliança<sup>7</sup>. O método de interpretação bíblica adotado por Mateus foi o *midrash*, que consiste na tentativa de buscar, incessantemente, novos sentidos escondidos nas entrelinhas do texto sagrado.

A elaboração mateana dos cinco grandes discursos de Jesus faz referência ao Pentateuco ou Torá, a "Lei", mais propriamente, instrução para a vida. Os discursos estão assim estruturados no conjunto do Evangelho:

- 1) Mt 5-7: Discurso Inaugural (Sermão da Montanha)
- 2) Mt 10: Discurso Missionário (Reino *ad extra*)
- 3) Mt 13: Discurso Parabólico (Parábolas do Reino)
- 4) Mt 18: Discurso Eclesial (Reino *ad intra*)
- 5) Mt 24-25: Discurso Escatológico (Juízo escatológico: 25,31-46)

Os discursos estão intercalados por narrativas, nas quais Jesus é apresentado como o Messias por obras. Cada momento da vida de Jesus constitui-se, portanto, como a instauração nos fatos, da palavra declarada<sup>8</sup>. Em Mt 4,23-25 se anunciava o messianismo de Jesus por palavras e obras: pregação do Evangelho do Reino e atuação salvífica junto ao povo sofrido. Também o Pentateuco é constituído

---

<sup>6</sup> "Atrás do evangelho de Mateus encontra-se um Igreja local, cuja 'doutrina' pode ser discernida com precisão. As suas características principais são: a discussão histórico-salvífica com o judaísmo farisaico-rabínico, o desenvolvimento da autocompreensão como o 'verdadeiro Israel', uma cristologia geralmente sinótica, mas com traços próprios, e, finalmente, uma *didaché* sobre o verdadeiro discípulo, de acordo com as exigências de Jesus, com fundamento no 'cumprimento da lei', que deve superar com as obras o juízo ameaçador". J. SCHREINER – G. DAUTZENBERG, *Forma e exigências do Novo Testamento*, São Paulo: Paulinas, 1977. p. 294

<sup>7</sup> VITORIO, Jaldemir. Cristologia em contexto de conflito: o caso Mateus. p. 48

<sup>8</sup> Cf. ZUMSTEIN, *op. cit.*, p. 46.

predominantemente por blocos de textos narrativos e blocos legislativos (Código da Aliança, Decálogos, Lei de Santidade, Código Deuteronômico)<sup>9</sup>.

Os capítulos 1-4 de Mateus cumprem papel de narrativa introdutória e apresentação dos temas centrais: o Emanuel (1,23), o Salvador (1,21), a descendência abraâmica e davídica de Jesus (1,2.6), a abertura aos gentios (2,1-12), a referência à história de Moisés e ao Egito (2,13-18), a investidura messiânica (3,16-17), a proclamação de Jesus (4,12-17), os primeiros discípulos (4,18-22) e o messianismo de Jesus (4,23-25). Acrescente-se o tema das mulheres, já mencionadas na genealogia de Jesus, e o tema da rejeição dos judeus na perícopos dos magos (2,1-12). Os sábios de Israel estão cientes de onde virá o Messias, mas não vão ao seu encontro.

O Discurso Inaugural (Mt 5-7) situa Jesus em uma montanha. Para Mateus, a montanha é lugar de oração (cf. Mt 14,23), de curas (cf. Mt 15,29-31), de revelação (cf. Mt 17,1-8;28,16-20) e de ensino (cf. Mt 24,3). A tradição veterotestamentária narra a fundação de Israel, enquanto povo da Aliança aos pés do Monte Sinai. Este é o lugar por excelência da teofania e da entrega da Lei a Israel, através de Moisés. Daquele momento em diante, o soberano de Israel passa a ser o Senhor. Há, no Sermão da Montanha, uma clara alusão à história fundamental de Israel. Deus falará agora, de novo, por meio de Jesus, como outrora falou no Monte Sinai. Jesus senta-se (cf. Mt 5,1). O texto indica a solenidade da cena: o Mestre vai transmitir um ensinamento definitivo, a Nova Lei. O Filho de Deus anunciará, pela primeira vez, o seu Evangelho a Israel.

O Sermão da Montanha estrutura-se em torno do tema da justiça do Reino, em oposição à justiça dos escribas e fariseus. Tem em vista as opções a serem feitas pelo discípulo na vivência da fé.

- 1) Introdução: Bem-aventuranças (5,3-12)
  - Sal da Terra e Luz do Mundo (5,13-16)
  - Cumprimento da Lei (5,17-19)
  - Proposição (5,20)
- 2) A justiça dos escribas (5,21-48)
- 3) A justiça dos fariseus (6,1-18)

---

<sup>9</sup> "Foi aventada a hipótese segundo a qual Mateus, agrupando em cinco capítulos os discursos de Jesus, teria pensado nos cinco livros de 'Moisés': com isso, sua intenção teria sido indicar que Jesus era o promulgador de um novo Pentateuco, o segundo Moisés que publica a Torá messiânica. [...] Uma outra constatação seria talvez menos problemática: Mateus apresenta, nos cc. 5-7, o Sermão da Montanha como um primeiro conjunto de sentenças, ao qual ele acrescenta, nos cc. 8-9, uma coleção de narrações de milagres. Com isso ele quer mostrar que Jesus é o Messias da Palavra e o Messias da Ação". JEREMIAS, Joaquim. *O sermão da montanha*. pp. 24-25.

- 4) A justiça dos discípulos (6,19-7,12)
- 5) As opções a serem feitas (7,13-27)

As opções a serem feitas... Mateus insiste em atitudes. Daí se compreende a insistência no fazer a vontade do Pai, a partir de uma determinação que toca a raiz do coração humano, bem mais que mero cumprimento exterior da lei e/ou pretensa espiritualização. Quem adere ao Filho de Deus e à sua proposta, com esta disposição, é semelhante à árvore boa que dá bons frutos (cf. Mt 7,17-20). É, portanto, um bem-aventurado, pois está centrado em Deus e no seu querer.

### **5. Bem-aventuranças (Mt 5,3-12): ilustrações de uma vida centrada em Deus e na dinâmica do Reino**

Questão fundamental que permeia o texto mateano é a fé de uma comunidade cristã do século I, de que Jesus era o Messias prometido no Antigo Testamento<sup>10</sup>. De igual modo, o texto reflete, com significativa clareza, a pregação de Jesus e a pregação de Mateus, que tomam corpo na narrativa a partir da intenção do autor, das fontes disponíveis, da forma textual escolhida ao elaborar o conjunto da obra com as diversas partes constituintes e dos destinatários da mensagem que se quer transmitir. A clássica versão mateana das bem-aventuranças abre o Sermão da Montanha. Este formula as exigências de admissão ao Reino dos Céus e explicita o modo de vida vivida na prática do amor fraterno.

As bem-aventuranças expressam um modo de vida conforme a justiça e ilustram a existência de quem está centrado em Deus. Há, a respeito das bem-aventuranças, muitas interpretações. Algumas, destoantes do plano catequético de Mateus e do cerne da mensagem evangélica. Faz-se mister recuperar, em primeiro lugar, o contexto da pregação de Jesus e o sentido que as bem-aventuranças poderiam ter para o Senhor. Para tal, uma breve análise do contexto e da estrutura desta perícopes é indispensável.

A referida perícopes (Mt 5,3-12) é uma peça, cuidadosamente, composta; a 1ª e a última bem-aventuranças trazem a mesma proposição: "porque deles é o Reino dos Céus". O tema do Reino dos Céus é central na pregação de Jesus e fora mencionado poucos versículos antes (cf. Mt 4,17.23)<sup>11</sup>. A pregação do Reino remete, precisamente, ao enfoque

---

<sup>10</sup> Cf. LOCKMANN, *op. cit.*, p. 49.

<sup>11</sup> "As bem-aventuranças de Jesus eram inicialmente teológicas; nelas Jesus falava de Deus, do Deus dos pobres que vem estabelecer seu Reino. As bem-aventuranças de Mateus e de Lucas são mais cristológicas: insistem

teológico da pregação de Jesus. A alusão à comunidade, feita em 5,10-12, se prolongará em 5,13-16. Os verdadeiros filhos de Deus promovem a paz (cf. Mt 5,9.45). As bem-aventuranças são promessa de graça, exortação ética e regime de vida da comunidade de fé. Portanto, a parênese é a raiz vital das bem-aventuranças de Mateus em correspondência com a aproximação ao uso linguístico da sabedoria.

As bem-aventuranças têm raízes na pregação dos profetas. Foram formuladas à luz de Is 61,1-3 e de diversos salmos (Sl 14-20; Sl 37,11.19b; Sl 107,5-8s; Sl 126,5; Sl 24,3-4, Sl 34,4). As interpretações de Mateus (cf Mt 5,3-12) e de Lucas (cf. Lc 6,20-23) são bem diferentes. Enquanto Mateus focaliza, sobretudo, o modo pelo qual as exigências do Evangelho ultrapassam as exigências da Lei judaica, Lucas se orienta, quase exclusivamente, pelo amor ao próximo. O expediente de considerar o modo de agir de Jesus e sua leitura dos profetas mostra-se bastante profícuo, no sentido de que permite vislumbrar o tempo anterior aos evangelhos escritos e recuperar uma primeira fase das bem-aventuranças<sup>12</sup>.

O método de análise do texto, denominado histórico-crítico, permitiu reconstituir uma versão das bem-aventuranças que poderia ser considerada como ponto de partida das versões de Mateus e Lucas. Estas surgem como duas releituras de uma versão primitiva mais antiga:

*Bem-aventurados os pobres, porque deles é o Reino de Deus (dos Céus).  
Bem-aventurados os que têm fome, porque serão saciados.  
Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.*

Pobres, famintos e aflitos representam todo um conjunto de pessoas em situação de desespero. O Reino de Deus irrompe na história pelas obras de Cristo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados (cf. Mt 11,2-6). Urge-se, contudo, perguntar, por que Jesus declara bem-aventurados os pobres. Estão os pobres numa situação privilegiada em relação ao Reino de Deus? Toda a ação salvífica e

---

naquele pelo qual este Reino foi inaugurado, Jesus Cristo". VV.AA. *A mensagem das bem-aventuranças*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982. p. 7.

<sup>12</sup> Id. Ibid.

misericordiosa de Jesus revela o rosto de Deus, do Deus dos pobres, do Rei que coloca seu poder ao serviço dos deserdados deste mundo<sup>13</sup>.

O pano de fundo das três bem-aventuranças fundantes parece ser a esperança apocalíptica numa mudança total de circunstâncias. No entanto, as bem-aventuranças de Jesus diferem da expectativa apocalíptica pelo anúncio do Reino dos Céus: o futuro esplêndido brilha já na conduta de Jesus, em sua dedicação aos pobres, aos famintos e aos que choram. Em sua convivência com eles, um aspecto da salvação se faz realidade pela experiência do Deus amor<sup>14</sup>. O termo grego utilizado pelo evangelista (*ptoxoi*) é, justamente, o termo mais forte para designar a pobreza social. Mas, o acréscimo mateano *to pneumatí* afeta o sentido originário?

Não é sem dificuldades que se busca precisar claramente que postura o evangelista adota em relação à primeira bem-aventurança: interiorização ou eticização? Uma interpretação viciada vê nestes pobres algo somente “religioso” ou “espiritual”. Entretanto, esta leitura gerou um deslocamento significativo do cenário evangélico. A introdução, no termo pobre, de um sentido que ele não tem nos evangelhos resulta, no mínimo, temerária. E se os pobres, neste contexto, estão em companhia dos famintos e aflitos, seria razoável espiritualizá-los e ver neles famintos espirituais? Parece absurdo pensar, no horizonte bíblico em questão, em leprosos, coxos, surdos e cegos espirituais!

As bem-aventuranças enquadram-se no gênero literário macarismo. O termo *makários* significa feliz em sentido pleno, insuperável. Por outro lado, a pobreza é um mal, contra o qual se deve lutar. Quando os bens são colocados em comum e partilhados (cf. Mt 6,1-4), não é por um ideal de pobreza, mas para que não haja mais pobres. O ideal procurado é o da caridade, de um amor efetivo e comprometido pelos pobres. A irrupção do Reino, na pessoa de Jesus, é a intervenção de Deus na história, fazendo alguma coisa, agindo como um rei bom. Deus coloca-se ao lado dos sofredores deste mundo. Por isto eles são felicitados.

O enfoque cristológico da redação mateana expressa o compromisso com o Reino, tal qual Jesus testemunhou através de sua conduta em relação aos pobres, aflitos e deserdados de toda espécie. Ter fome e sede de justiça (cf. Mt 5,6) pode bem ser interpretado num sentido ético, pois a

---

<sup>13</sup> “O termo pobre aparece 25 vezes nos evangelhos. Um primeiro grupo de textos é facilmente identificável: são aqueles nos quais os pobres são simplesmente os indigentes, aos quais devemos dar esmolas [...], pessoas que são incapazes de conseguir por si mesmas o necessário para viver e que, por isso, são obrigadas a depender da caridade alheia. [...] Quanto a estes 20 textos, portanto, o sentido é claro. [...] Restam 5 casos, precisamente os textos nos quais os pobres são apresentados como os destinatários da boa nova, em referência ao oráculo de Isaías 61. Ora, aqui, os pobres nunca são mencionados sozinhos: ao lado deles sempre há outros infelizes”. Ibid., p. 21.

<sup>14</sup> Cf. LUZ Ulrich, *op. cit.*, pp. 285-286.

justiça é a conduta ordenada por Deus a seu povo, em virtude da Aliança. A misericórdia do Filho de Deus corresponde à misericórdia exigida do discípulo do Reino (cf. Mt 5,7). Afinal, o único ideal religioso possível é, verdadeiramente, o amor traduzido em obras concretas de compaixão e empenho para que não haja mais pobreza e degradação dos filhos de Deus. Os puros de coração (cf. Mt 5,8) são os que têm como norte de sua vida a obediência filial ao Pai do Céu e a fidelidade à proposta do Reino.

Pautando a vida, em primeiro lugar, pelo Reino e a sua justiça, o discípulo reconhece, no Cristo, o Ungido, aquele, depois do qual, não se espera outro. Aquele que é o arauto da Boa Nova da salvação concedida por Deus. O discípulo ouve a palavra do Mestre e empenha todas as forças a fim de vivê-la com fidelidade, ainda que lhe custe perseguição, injúrias e falsas acusações (cf. Mt 5,11-12). Entrar na dinâmica do Reino significa ouvir a Palavra e pô-la em prática pela caridade. Em vista desta perspectiva, o texto mateano estabelece uma relação literário-narrativo-teológica entre Mt 5,1-12 e Mt 25,31-46, à maneira de inclusão narrativa. No início do Discurso Inaugural está posta a lista dos bem-aventurados, conforme a dinâmica do Reino. Em Mt 25,31-46, já no Discurso escatológico, aparece o efeito de uma vida empenhada na caridade e, portanto, bem-aventurada.

O discípulo aberto para Deus se reconhece como filho de um Pai que age movido por amor gratuito para com todos os seres humanos (cf. Mt 5,45). Em consequência, defronta-se com a exigência do amor a todos, sem distinção. Amor concreto, efetivo e promotor de novas relações pautadas por autêntica fraternidade. A partir da opção fundamental pelo reinado de Deus e a sua justiça, o discípulo deve ser luz, sal e fermento, num mundo encharcado pela violência. No confronto com a dinâmica do poder que esmaga a vida, a justiça dos discípulos deve levá-los a mostrar a outra face, a da misericórdia que restaura, reintegra e refaz as relações comunitárias, à luz da vontade do Pai.

## **6. O discípulo aberto para Deus: Filiação**

Deus é Pai! Toda a prática de Jesus, bem como seus ensinamentos, foram a expressão mais fidedigna de um Deus que é Pai. E de um Pai que, efetivamente, está junto aos seus filhos. Jesus é a imagem perfeita do estar conosco de Deus na história humana. Porém, a realidade salvífica do "Deus conosco" (cf. Mt 1,23; 28,20) tem uma face inequívoca: Deus é Pai misericordioso. A retomada mateana da profecia de Oseias 6,6: "*Misericórdia é que eu quero e não sacrifício*" (Mt 9,13; 12,7) indica qual

seja o coração de toda a Lei e, portanto, o fio condutor da vida de Jesus. A fidelidade ética fundamenta-se na convicção de que Deus é um Pai que não faz acepção de pessoas e age movido por amor gratuito para com todos (Mt 5,45).

Esta, sem dúvida, foi a imagem de Deus que movia Jesus em sua ação libertadora, sobretudo ao colocar-se na "fila" dos pecadores (cf. Mt 4,13-15). Ao identificar-se com necessitados de salvação, Jesus manifesta a solidariedade de Deus com a humanidade ferida. Afinal, Ele veio para "salvar o seu povo dos seus pecados" (Mt 1,21). E o faz a partir do seio humano mais degradado em sua dignidade. Deste modo, a justiça da Nova Lei, o Evangelho, pode se cumprir. Onde haja pessoas atormentadas, precisamente aí a vontade do Pai não deve ser negligenciada. Jesus a cumpre plenamente, pois bem sabia que o Pai deseja que todos os filhos, mormente os mais pequeninos, se salvem (cf. Mt 18,14).

A consciência filial de Jesus está bem sedimentada. Ele é o Filho de Deus. Esta é a titulação principal de Jesus<sup>15</sup>. Toda a vida do Filho de Deus devotou-se ao cumprimento da justiça, ao querer do Pai. Não cabia, na trajetória de Jesus, nada que estivesse alheio ao projeto de Deus: a vivência da Lei e dos Profetas em sua radicalidade, ou seja, a caridade. Enquanto Filho de Deus, pautou sua vida pela obediência filial ao Pai. Enquanto Filho do Homem, que "tomou nossas enfermidades e carregou nossas doenças" (Mt 8,17), tornou possível, a todo aquele que crê, a busca do Reino de Deus e a sua justiça. Tal empreitada requer, no entanto, que se tenha diante dos olhos o Senhor como modelo de vida filial pautada na fé.

O seguimento de Jesus tem, na experiência de Deus como Pai, a pedra basilar. Deus é o Pai-nosso. O salmista já havia reconhecido que a bondade de Deus abraça toda criatura (Sl 145,9-10). Nos gestos e palavras de Jesus, o Pai compadecido de seus filhos cansados e abatidos como ovelhas sem pastor (cf. Mt 9,36), assegura caminho que resgata todas as coisas pela misericórdia ilimitada. Transmite ensinamento definitivo, capaz de estabelecer no mundo justiça restaurativa das relações, pelo amor atuante. Em contraste à face agressiva da violência que destrói, Jesus revela a face compassiva do Pai. Deus quer a vida do

---

<sup>15</sup> "O indício deste fato encontra-se nas contínuas referências de Jesus ao Pai celeste. Este, em última análise, é o personagem central do Evangelho, ponto de referência de toda ação de Jesus e da comunidade fundada por ele. [...] É impossível compreender Jesus se prescindirmos de sua condição de Filho. [...] No Antigo Testamento, Israel era o Filho de Deus por excelência: 'Então dirás a faraó: Assim fala o Senhor: Meu filho primogênito é Israel (Ex 4,22)'. Doravante, o Filho predileto é Jesus". VITORIO, Jaldemir. *Cristologia em contexto de conflito: o caso Mateus*. pp. 57-58.

ser humano. Em seu Filho, convoca discípulos para instaurar o Reino pelas obras de compaixão.

O discípulo aberto para Deus reconhece-se filho no Filho de Deus. É chamado à consciência filial amadurecida e comprometida. Para estar, verdadeiramente, em união com Deus, é preciso cultivar as motivações profundas desta relação filial, a partir do amor gratuito. Jesus encarna a figura do filho atento às disposições divinas e em absoluta fidelidade ética no seu agir. Jamais se deixou seduzir pela tentação de afirmar-se enquanto Filho, passando ao largo do projeto de Deus, como lhe propusera o diabo: “Se és Filho de Deus...” (Mt 4,3.6). Rejeita, com firmeza, a proposta individualista de tornar-se poderoso (cf. Mt 4,10). Sabe bem que tal caminho é falacioso. Ademais, o Reino que irrompe na história não se coaduna com mentiras.

O Filho conhece o Pai e há de revelá-Lo aos que se dispuserem a tomar o jugo suave e exigente do amor (cf. Mt 11,28-30). A justiça do discípulo deve superar a dos fariseus e escribas. Tal é a condição para entrar na dinâmica do Reino dos Céus (cf. Mt 5,20). Bem mais que enveredar-se na casuística das normas ou no cálculo meritório que espera recompensa de Deus, o filho compreende que toda a questão se resume num ponto essencial: o amor. A obediência filial do discípulo exige que se abandone, inteiramente, à reivindicação de Deus, em total disponibilidade para ele<sup>16</sup>. Uma opção fundamental está posta: a intensificação da obediência. Cristo é o Servo de Javé, que desde cedo tem o ouvido desperto para ouvir como os discípulos (cf. Is 50,4).

Para Mateus, os discípulos são os bons ouvintes do ensinamento do Mestre. Estes são os que, realmente, estão abertos para Deus. São os filhos que se deixam instruir pelo Senhor, buscam compreender sua vontade e, sem delongas, a põem em prática. O relato mateano privilegia aqueles que são os ouvintes do Messias por palavras, que expõe seus ensinamentos em cinco grandes discursos. No centro do Sermão da Montanha, a oração do Pai-nosso, conforme a versão mateana, traz, justamente, uma petição de que se faça a vontade de Deus (cf. Mt 6,10). Em comparação ao texto básico de Lucas 11,2-4, no qual este pedido não consta, o apelo à consecução da vontade do Pai coaduna-se muito bem com a teologia de Mateus.

---

<sup>16</sup> “De acordo com a tradição cristã primitiva, Mateus reconhece no mandamento do amor o centro da mensagem ética de Jesus. Dentre os evangelistas sinóticos, ele é o único a mostrar que essa exigência de amor está de acordo e no centro da Torá veterotestamentária. [...] A exigência do amor é, a seus olhos, o centro e o resumo da Torá. [...] Esta insistência em ressaltar o princípio da interpretação da Lei encontra-se nas duas citações redacionais de Os 6,6 em Mt 9,13 e 12,7: ‘Misericórdia é que eu quero, não o sacrifício’. Em ambos os casos, Cristo pretende explicar aos fariseus no que a vontade originária de Deus – que é amor – opõe-se à prática legalista e perniciosa da Torá”. ZUMSTEIN, Jean. *Mateus, o teólogo*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 50.

O pedido para que se cumpra o querer do Pai empenha o discípulo a crescer na capacidade de abertura ao desígnio divino. Nada tem de inerte resignação ou fatalismo, como se poderia deduzir de uma leitura superficial. Ademais, o critério da vontade cumprida será o diferencial para que se reconheçam os filhos de Deus fiéis, verdadeiros discípulos do Reino. A conclusão do Sermão da Montanha não deixa dúvidas: os que entram no Reino dos Céus são os que fazem a vontade do Pai (cf. Mt 7,21).

Aquele que ouviu o ensinamento do Mestre e vivenciou o querer de Deus resistirá à prova do julgamento, tal como a casa sobre a rocha. Os que cumprem a vontade do Pai estabelecem laços mais fortes com Deus que os próprios laços familiares (cf. Mt 12,50). No momento dramático do Getsêmani (cf. Mt 26,39.42), Jesus decide-se, uma vez mais, pela vontade do Pai. Compreende que o livre cumprimento desta vontade manifesta o reinado de Deus no mundo.

O pedido para que venha o Reino coloca os discípulos em autonomia relacional com o Pai. É Deus que, por iniciativa gratuita, decide estar conosco em seu Filho Jesus, o Emanuel. Nele, o Filho amado, em sua atuação messiânica por palavras e obras, o reinado de Deus se instaura na humanidade. Jesus convoca discípulos a tomarem parte em sua missão, a serem promotores da paz, porquanto os filhos de Deus, aderindo ao Cristo na fé, hão de manifestar ao mundo a presença de Deus, através de suas obras (cf. Mt 5,16). O fazer – a vontade de Deus – é condição *sine qua non* para que o Reino se torne presença que revela a face do Pai. E a marca registrada do reinado de Deus será, sem dúvida, a prática do amor. Mateus faz Jesus dizer que toda a Lei e os Profetas dependem do amor a Deus que compromete a pessoa toda, e o amor ao próximo posto em ação que promove fraternidade<sup>17</sup>.

## **7. O discípulo em comunhão com o próximo: Fraternidade**

“Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7,12). A chamada regra de ouro, máxima de comportamento bastante conhecida desde a Antiguidade, especialmente no judaísmo<sup>18</sup>, apresentava-se sob forma

---

<sup>17</sup> “O texto clássico encontra-se em Mt 22,34-40. Comparado com sua fonte, Marcos (12,28-34), o primeiro evangelho sobressai por sua insistência em associar o amor e a Lei. Se o escriba de Marcos pergunta: ‘Qual é o primeiro de todos os mandamentos?’ (Mc 12,28), o legista de Mateus assim se exprime: ‘Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?’. Além do mais, se Jesus conclui sua instrução, em Marcos, afirmando: ‘Não existe outro mandamento maior que este (Mc 12,31), o Cristo mateano termina nestes termos: ‘Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas’”. Ibid., p. 50.

<sup>18</sup> Cf. Tb 4,15; carta de Aristeu, Targum de Lv 19,18, Hillel, Filon e outros.

negativa. Esta norma de conduta relacional-comunitária, na forma positivada, acentua precisamente o fazer ao outro, por primeiro: “fazei-o vós a eles”<sup>19</sup>. Ao contrário do que possa parecer, a quem leia de maneira superficial, o cálculo retributivo está excluído da regra de ouro pronunciada por Jesus. Pois, e o texto indica, os discípulos deverão, de antemão, agir bem para com todos. A contrapartida da ação não entra em questão, mas a motivação do agir. Neste caso, a máxima da atuação é a justiça do Reino, ou seja, a vontade do Pai, que faz nascer o sol e cair a chuva, igualmente, sobre bons e maus. O Pai é sempre bom para com todos (cf. Mt 7,11)!

### *Amar o próximo como a si mesmo*

De fato, o “fazei-o vós a eles” constitui-se na vertente ativa do “amar ao próximo como a si mesmo”. O amor é portador de exigências concretas. O discípulo de Jesus, consciente de que o seguimento do Mestre é comprometedor, encontra-se sempre diante de um grande desafio: viver o amor que acolhe, perdoa, dá a vida. É chamado a romper a lógica da retribuição que rege a vida social; a superar o engodo de relações baseadas nos favores mútuos (cf. Mt 5,46-47); a percorrer caminhos de gratuidade. A caridade mobiliza o seguidor de Jesus a não esquivar-se jamais de quem esteja caído nas estradas tortuosas da vida. É preciso estar disponível a qualquer apelo que solicite dedicação aos filhos de Deus em situação de carência (cf. Mt 5,42). Agindo assim, o discípulo tornar-se-á perfeito como o Pai celeste é perfeito (cf. Mt 5,48), pois terá como única referência o modo de agir de Deus.

Jesus radicaliza a Lei e reconduz a observância dos mandamentos à sua raiz. Tem por objetivo a vida, a justiça, o amor e a verdade. Mateus recupera, no Sermão da Montanha, um conjunto de diretivas evangélicas, a fim de superar toda e qualquer marginalização no interior da comunidade e para além dela. O debate com o judaísmo de matriz farisaica o levará a acentuar as posturas que promovem fraternidade, até o máximo alcance: “Amai os vossos inimigos – fazei bem aos que vos odeiam – e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5,44). Deste modo, se descobre a identidade dos filhos de Deus. Mateus tem tarefa árdua, qual seja recuperar a proposta cristã de fraternidade a todo custo, abertura e

---

<sup>19</sup> “Certamente, a Regra de ouro é expressa em forma afirmativa por Jesus e em forma negativa pelo rabi Hillel. Notável diferença. Hillel diz: ‘guarda-te de prejudicar a teu próximo’; e Jesus: ‘O amor que desejarias receber, mostra-o para com teu próximo’. Oferecer amor é bem mais do que deixar de prejudicar.” JEREMIAS, Joaquim. *O sermão da montanha*. pp. 8-9.

tolerância para com todos. Opõe-se, claramente, ao projeto uniformizador da sinagoga farisaica pós ano 70dC<sup>20</sup>.

Em tempos de crise, quando se busca resguardar ou recuperar a identidade, o risco de fechamento é grande. Excluir quem não se encaixe em determinados padrões, sob pretexto de garantir fidelidade às origens, é uma tentação. Mateus, por um lado, alerta sua comunidade a precaver-se contra o fermento dos fariseus (cf. Mt 16,6) e superar a justiça de aparências (cf. Mt 6,1). Por outro, convoca os cristãos a tudo fazerem para vivenciar o projeto do Reino de justiça, no mundo. O Evangelho não admite posturas presunçosas de quem se arvora em juiz dos próprios irmãos (cf. Mt 7,1-5) ou de quem exerce liderança impiedosa (cf. Mt 13,28-30). Deve-se conservar a porta sempre aberta ao irmão que, porventura, tenha ferido a comunhão fraterna, no interior da comunidade. O perdão será sem limites (cf. Mt 6,12;18,21-22). O doar-se de Deus não conhece mesquinhez. Tudo se deve fazer para que haja verdadeira fraternidade entre os discípulos.

*"Eu, porém, vos digo: amai..."*

Jesus veio dar pleno cumprimento à Lei. No entanto, a perspectiva agora situa-se na vontade originária de Deus, que espera misericórdia. O Deus-conosco deseja que seus filhos sejam irmãos, numa existência em face a Deus e para os outros. As afirmações antitéticas (cf. Mt 5,21-48) apresentam exemplos realmente notáveis para a vida em comunidade<sup>21</sup>. Considere-se, ademais, qual seja a justiça perfeita querida por Deus: "Dá ao que te pede e não voltes as costas ao que te pede emprestado" (Mt 5,42). Não há lugar para a indiferença fria ante a interpelação do próximo. O esforço por crescer em comunhão fraterna é diretriz de vida para o discípulo. Será a boa obra por excelência, capaz de reintegrar a pessoa na comunidade e superar a perspectiva individualista de quem busca honras pessoais. Estes, já receberam sua recompensa (cf. Mt 6,2.5.16).

O preceito antigo ("Ouvistes que foi dito") torna-se interior, atingindo o desejo e as motivações secretas. O Pai sabe perscrutar o que

---

<sup>20</sup> "Os fariseus remanescentes da destruição tentaram rearticular a fé judaica baseando-se em parâmetros rígidos. [...] Uma das atitudes mais perniciosas era, exatamente, a de marginalizar as pessoas. Quem não se enquadrava em seus padrões ético-religiosos era posto de lado, considerado gente de condição inferior, 'povo da terra', amaldiçoado". VITÓRIO, Jaldemir. *Destinatários do querigma evangélico na perspectiva de Mateus*. pp. 345-347.

<sup>21</sup> "A comunidade de Mateus foi corretamente descrita como uma 'irmandade'. Apenas Mateus entre os evangelhos Sinóticos utiliza com frequência o termo 'irmão' (*adelphos*) em um sentido metafórico para indicar um membro da comunidade (veja 5,22.23.24.47; 7,3.4.5; 18,15.21). [...] O Sermão da Montanha visa a instruir a comunidade de Mateus sobre como seus membros devem agir, tratar uns aos outros e organizar suas questões internas. [...] Os membros devem ser humildes e persistentes nos atos de misericórdia. Devem fazer da justiça a sua meta". OVERMAN, J. Andrew. *O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*, p. 100.

há de mais íntimo no coração dos filhos. Ocorre que, para Mateus, a comunhão com Deus desdobra-se nas consequências práticas da fé professada. A veracidade da religião mostra-se na abertura ao outro sem julgamentos, na caridade que não desiste de acreditar no que há de melhor em cada pessoa, mesmo no que é "mau" e "injusto". Como a ambiguidade ronda a condição humana, o juízo cabe, unicamente, a Deus. Portanto, não há alternativa para o discípulo. Cabe-lhe tão somente exercer a caridade, sem fazer distinção de pessoas. Cabe-lhe, superar as divisões entre judeu e não-judeu, próximo e não-próximo, entre santo e pecador, puro e impuro.

Jesus não pactua com esta pretensa ordem legitimada pela religiosidade farisaica. Bem sabe que o Pai celeste é perfeito em seu amor. Nada o demove de uma convicção: "Quero a misericórdia e não sacrifício". Por conseguinte, aos filhos de Deus não resta alternativa, a não ser exercer a misericórdia (cf. Mt 5,7). O "estar-conosco" de Deus na história dos homens possibilita aos discípulos que sejam o "estar-de-Deus" com a humanidade, em especial os afligidos de toda sorte. E que o sejam por palavras e gestos concretos, desvinculados de toda busca de retribuição. Ao que se doa a si mesmo pelo irmão, é suficiente agir em conformidade com o querer divino. Nada mais ambiciona, senão perseverar no exercício da compaixão operosa e serviçal. Tal como Jesus, o discípulo em comunhão com o próximo sabe que toda a Lei resume-se no mandamento do amor (cf. Mt 22,34-40).

Viver centrado em Deus e na dinâmica do Reino evita qualquer atitude leviana, omissa, de otimismo ingênuo e sem compromisso com a tarefa de empenhar-se pela transformação de si mesmo e do mundo. Quem responde ao chamado de Jesus, empreende, sem titubear, um caminho de seguimento do Filho de Deus, com outros diante do Pai. Cada dia, se lhe exige crescer na liberdade de estar diante de Deus como parceiro da Aliança. A livre colaboração com a graça é requisito indispensável para o discipulado frutuoso (cf. Mt 7,16-20). O amor do Pai que precede e abraça toda criatura dá a medida de como vivenciar as relações dos discípulos entre si, com os homens em geral e com todas as criaturas.

## **8. O discípulo no trato com as criaturas: Liberdade**

O Pai do céu, a quem o Filho revela, plenamente, age por livre decisão de amar a todos os seres humanos. Os discípulos são convidados por Jesus a serem conformes ao modo de Deus agir: "Deveis ser perfeitos

como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48). Deus antecipa-se em amar e excede-se na misericórdia com a qual interpela as multidões. Convida todos a participarem de sua “estadia” entre nós, na figura do Deus conosco. Seu sim ao ser humano é incondicional e irrevogável. Deus não pode retirar este sim, pois significaria contradizer sua fidelidade. O chamado ao seguimento de Jesus é, sem dúvida, exigente. Antes, porém, é pura graça. Por conseguinte, a liberdade do ser humano está resguardada ao responder. Deus não aliena àquele que fora criado justamente para estar em relação com Ele, mas o deixa livre. Ser amado com tal amor faz brotar nos discípulos uma exigência de amar com o mesmo amor.

O Pai que está nos Céus age com liberalidade para com todos (cf. Mt 5,45). Não premia ou favorece os que lhe demonstram amor; também não castiga ou trata com indiferença os maus. O Pai conhece as motivações implícitas do coração humano e vê o que está no segredo (cf. Mt 6,3.6.18)<sup>22</sup>. Nada mais que buscar o Reino de Deus e a sua justiça (cf. Mt 6,33) é necessário ao discípulo do Reino. Tudo recebeu de graça, de graça deve dar (cf. Mt 10,8). Estariam, os discípulos, autorizados a agir segundo o critério da justiça retributiva? Seriam, os seguidores de Jesus, alçados ao patamar de juízes dos demais ou dominadores da criação? Mais ainda: bastaria aos que professam Jesus como Senhor realizar obras estupendas e até milagres, sem, contudo, estarem, realmente, em sintonia com Aquele que carregou nossas enfermidades?

À criação, sustentada pelo Pai e contemplada pelo Filho (cf. Mt 6,26-27), os discípulos devem referir-se para retomarem, sempre de novo, a atitude de confiança em Deus. Se o Pai cuida das aves do céu e dos lírios do campo, não cuidará, com mais solicitude, de seus filhos? Se tal exortação dirige-se aos discípulos, não é menos verdade que Deus cuide de todos, indistintamente. Daí se deduz que, a quem segue Jesus, impõe-se o imperativo de promover a vida em autêntica liberdade. O trato do discípulo com todas as criaturas estará marcado com o selo da gratuidade e do cuidado responsável.

A vida em comum, seja na comunidade dos que creem, seja em sociedade, apresenta-se eivada de desafios. Quem ouve a voz do Mestre,

---

<sup>22</sup> “Mas esta imagem do ‘Pai’ não é mal vista hoje? O olhar do Pai ao qual nada escapa não é a imagem da servidão? O primeiro dever do homem adulto não é libertar-se de uma vigilância paralisante? Este pai que tantos procuram destruir não é o do ‘sermão’. Quem provoca a revolta é o representante do destino, do passado que pretende sobreviver a todo custo. Mas o Pai de Jesus Cristo não suscita filhos para se prolongar neles, para ter uma razão de ser. Em seu Filho, ele já tem toda a razão de viver. Se ele nos dá o ser, é por um transbordamento de vida. A generosidade não é avara. [...] O Pai de Jesus nos ensinou que amar é libertador porque ele é em si mesmo a liberdade perfeita. É isto que explica a excepcional facilidade com a qual Jesus assume a sua existência, tanto na alegria como no drama, tanto na amizade como diante do ódio”. VV.AA. *Leitura do Evangelho segundo Mateus*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p. 47.

compreende seu ensinamento e pratica as obras de caridade, permanece humano e em relação com os outros diante do Pai. O lugar do discipulado é o mundo, com todas as contradições próprias à existência. Há a possibilidade de não se realizar segundo o querer de Deus; há o risco da infidelidade (cf. Mt 21,30), o desejo de posse e domínio do outro, a ambição de poder (cf. Mt 18,1-4), a tentação de excluir o diferente e desrespeitar os pequeninos (cf. Mt 18,10).

O estar integrado diante de Deus possibilita o compromisso desinteressado com os irmãos. O caminho da porta estreita está sempre aí a ser trilhado (cf. Mt 7,13-14) sobretudo no árduo trabalho de superação do egocentrismo. O fermento dos fariseus, a religiosidade de aparências, é diametralmente oposto à proposta de Jesus (cf. Mt 6,1.5.16). O Reino de Deus requer esforço no trabalho de si mesmo, a partir da gratuidade amorosa do Pai. Sempre em vista do serviço à comunidade.

## **9. O discípulo com as paixões ordenadas: Integração**

O ensinamento de Jesus radicalizou e interiorizou as exigências divinas. Em particular, o quinto mandamento *Não matar* é alargado de modo a compreender atitudes de cólera e de ódio (5,21-22); o adultério consuma-se já no desejo de possuir (5,27-28); o divórcio é ab-rogado (5,31-32); a sinceridade nas relações deve ser tal que torne inútil qualquer juramento (5,33-34); ab-rogação da lei do talião e renúncia a qualquer gesto de vingança (5,38-39); amor ao próximo estendido aos inimigos (5,43-44). A vontade de Deus toma o homem inteiro e se lhe propõe como imperativo incondicionado e ilimitado. Não deixa espaços para viver segundo uma lógica de autonomia egoísta, elimina qualquer resposta parcial. Ao contrário, pede adesão total. Exclui pactos e compromissos. Exige não apenas algo de nós, mas simplesmente a nossa vida<sup>23</sup>.

A partir da adesão a Cristo pela fé, o discípulo tem como meta ser perfeito como o Pai do Céu. Toda Escritura judaica resume-se no estar por inteiro diante de Deus para vivenciar a dupla face do maior mandamento da Lei: *"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. [...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo"* (Mt 22,37-39). A inteireza do estar na relação com o Pai reflete-se no compromisso de entrega total ao serviço do Reino. A motivação é

---

<sup>23</sup> BARBAGLIO, Giuseppe. "O Evangelho de Mateus", in G. BARBAGLIO (et alii), *Os Evangelhos* (I). São Paulo: Loyola, 1990. p. 120.

forte o suficiente para hipotecar a vida no seguimento de Jesus. A determinação do espírito em cumprir toda a justiça colocará o discípulo num leal esforço para descentrar-se. A vontade do Pai levará os discípulos à constante superação da lógica da violência, pela opção clara de viver conforme a vida de Jesus: total entrega, solidariedade com os pecadores, gestos de misericórdia.

Os destinatários da mensagem evangélica, narrada por Mateus, defrontam-se com muitos obstáculos. Os alicerces da matriz religiosa judaica estavam sendo refeitos. Porém, a partir da inflexibilidade legalista. A justiça dos escribas e fariseus, baseada na casuística de normas às centenas, fixava-se nos pormenores e negligenciava, de forma culpável, o espírito da Lei. Não deixava de ser sedutora a religiosidade de aparência, com os dividendos do *status* de justo e a admiração do povo (cf. Mt 23,5-7). Numa sociedade em que o “estar bem” com Deus fazia muita diferença, aparentar justiça conferia lugar de honra (cf. Mt 23,28). Não raro, os líderes religiosos faziam-se juízes perversos dos mais fracos. Segregavam e condenavam em nome de Deus! A perversão humana, legitimada pela religião, é deveras destrutiva. O mais importante estava sendo esquecido: a justiça, a misericórdia e a fidelidade (cf. Mt 23,23).

Jesus não hesita em anunciar a justiça do Reino, recordar o coração da Lei (misericórdia) e realizar as obras de compaixão em favor dos que sofrem. A fonte de toda ação salvífica de Jesus é a bondade do Pai. Não admitirá dois pesos e duas medidas na aplicação prática da Boa Nova. O critério absoluto reivindicado pelo Mestre será o amor traduzido no fazer. No caso das relações interpessoais, não haverá meios-termos. A disposição em acolher e perdoar é inegociável. O modo de relacionar-se na comunidade não admite posturas agressivas e excludentes de quem quer que seja. As relações deverão ser pautadas pela compreensão, o perdão, a sinceridade, a generosidade e o esforço incansável em cultivar atitudes de misericórdia. Sobretudo, para com o rosto marginalizado do corpo sócio eclesial<sup>24</sup>.

A catequese mateana exposta no Sermão da Montanha explicita bastante bem as disposições necessárias para um caminho de discipulado integral, de acordo com a vontade originária de Deus. As paixões ordenadas e orientadas à realização pessoal-comunitária dos discípulos de Jesus, sob a égide da caridade operosa, ressalta um aspecto fundamental

---

<sup>24</sup> Para uma boa introdução ao tema do rosto marginalizado da comunidade de Mateus (os pagãos e estrangeiros, as mulheres, as crianças, os pecadores e marginalizados) ver VITÓRIO, Jaldemir. Destinatários do *querigma* evangélico na perspectiva de Mateus. pp. 353-365.

da mensagem evangélica do Discurso Inaugural: trata-se de uma experiência a ser vivida. A presença em volta de Jesus de pessoas que já deixaram tudo para segui-lo dá um sentido novo a este ensinamento. Longe de serem palavras vazias ou mandamentos impossíveis, esta experiência pode ser vivida por quem aceita seguir Jesus. O ensinamento de Jesus atinge o âmago da pessoa e orienta todo seu ser para Deus e a sua justiça<sup>25</sup>. O discípulo define-se como alguém que faz as opções adequadas ao projeto de Jesus e pratica o que se coaduna com a fé professada.

## **10. A identidade do discípulo do Reino**

O Evangelho de Mateus é uma verdadeira catequese do discipulado cristão. À questão concernente à identidade de quem segue Jesus, o Sermão da Montanha esclarece de maneira surpreendente. A nova Lei demanda a centralidade de Deus na vida do discípulo com todas as consequências decorrentes da opção pelo Reino.

### *Vida centrada em Deus*

As bem-aventuranças são, de fato, ilustrações de uma vida centrada em Deus e, portanto, na dinâmica do Reino. Os discípulos são felizes, pois ouviram a Palavra de Deus e a puseram em prática. Souberam ir além da letra da Lei e descobrir o sentido radical visado pelo mandamento. Compreendem que o projeto amoroso do Pai está na ordem do dia das relações comunitárias. O desdobramento necessário da adesão ao estar-conosco de Deus na história é a prática da justiça. E o que Deus quer é a misericórdia e não sacrifício. A face da compaixão engajada faz que os homens reconheçam o Pai dos céus nas ações dos discípulos. Tudo quanto possa desviar do seguimento de Jesus deve ser, radicalmente, afastado (cf. Mt 5,29-30). O justo está sempre em sintonia com o desígnio de Deus e nele permanece pela obediência filial<sup>26</sup>.

### *A justiça dos discípulos*

A justiça dos escribas e fariseus era aparente e superficial. Não empenhava o âmago do viver. Aos discípulos exige-se que sejam verdadeiros seguidores de Jesus, ouvintes e praticantes da Palavra. Toda

---

<sup>25</sup> VV.AA. *Leitura do Evangelho segundo Mateus*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p. 41.

<sup>26</sup> "Justo é quem se pauta pela vontade divina e encontra nela o rumo de sua vida. O querer e o agir do justo estão sempre voltados para Deus. Desta relação decorre sua existência, e nela encontra a sua explicação. [...] Tudo quanto faz é expressão de sua fidelidade (justiça) a Deus". VITÓRIO, Jaldemir. O discipulado cristão segundo Mateus – A figura de José. *Convergência* 39 (2004/nº 378). Item 4: Uma leitura de Mt 1,18-25, enfocada na figura de José.

e qualquer teatralização piedosa em vista de benefícios pessoais vai de encontro à proposta de justiça do Reino dos Céus. Esta compromete até as últimas energias na instauração da concórdia, do perdão e de relações fraternas marcadas pelo amor mútuo. Rejeita atitudes de vingança e segregação. O justo tem diante de si o inesgotável amor do Pai que se lança sobre todos, sem distinção. Cabe-lhe, portanto, motivado por tão grande apelo — “Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48) —, assumir a medida da misericórdia, da justiça e da fidelidade. Destas coisas, não se pode descuidar sob nenhum pretexto.

#### *As opções a serem feitas no seguimento de Jesus*

O seguimento de Jesus empenha todo o viver do discípulo. As opções que doravante fará deverão ser a expressão inconfundível do estar-conosco de Deus. Optar pelo perdão exige, por vezes, esforço monumental em prol da caridade efetiva que restaura as relações. Assim como Jesus ingressa na história humana entrando na fila dos pecadores (cf. Mt 3,13-17) e se solidarizando com os pequeninos e marginalizados, o discípulo coloca-se junto a quem sofre e presta-lhe socorro. Afinal, sua opção pelos mais fragilizados da comunidade baseia-se, justamente, na clara compreensão de que Deus é que toma para si as dores de quem padece (cf. Mt 8,16-17). A motivação é teológica! O caminho de justiça é estreito. Porém, conduz à Vida (cf. Mt 7,14). A opção pelo Reino de Deus e sua justiça é feita na liberdade dos filhos de Deus. Estes serão reconhecidos pelos frutos das boas obras.

#### *A prática que corrobora a fé cristã*

Um critério assaz importante para distinguir o autêntico do falso profeta é a produção de frutos. A árvore boa, o discípulo fiel, produz bons frutos (cf. Mt 7,15-20). O fruto mais excelente na vida do discípulo que crê e discerne a vontade de Deus, a fim de pô-la em prática, é o testemunho eficaz de que Deus está junto aos seus filhos. O agir cristão em plena consonância com a proposta de Jesus pode iluminar tantas realidades ainda obscurecidas pelo desamor. O serviço desinteressado ao Reino visa a resgatar todos os filhos e filhas de Deus em situação de miséria humana. Tal serviço, se quiser ser realmente evangélico, deve partir sempre da gratuidade de Deus. A consciência amadurecida do discípulo, que atua neste registro, o leva a superar a lógica mesquinha do fazer para receber alguma recompensa. Os que ouvem a Palavra de Deus e a põe em prática são os que, mesmo sem dar-se conta, estão em comunhão com Jesus Cristo, por uma vida que corrobora a fé professada.

Nem milagres, nem exorcismos, nem profecias são garantia de que alguém esteja em fidelidade à Boa Nova do Reino de Deus (cf. Mt 7,21-23). O critério é a prática decorrente de uma fé bem compreendida e posta em ação no serviço a todos, especialmente aos mais pequeninos. Estes, para o evangelista Mateus, são imagem dos membros mais fragilizados no seio da comunidade. A inversão escatológica faz dos últimos os primeiros (cf. Mt 11,25-27; 19,30; 20,16). O Senhor de todos se reconhecerá nos discípulos que não descuidaram da prática da Palavra: *“Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Esse é o maior e primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas”* (Mt 22,37-40).

## **Conclusão**

Com base no texto bíblico do Sermão da Montanha (Mt 5-7), procuramos explicitar as grandes linhas do discipulado cristão. Ao mesmo tempo, evidenciar a relevância ética da fé em Jesus. Aderindo ao projeto do Evangelho, o discípulo compromete, por inteiro, sua existência com a vontade salvífica de Deus. Mateus insiste que tal compromisso com o Reino de Deus e a sua justiça é pedra de toque para quem segue Jesus. A fidelidade ética de quem responde ao chamado de Deus torna-se causa de reconhecimento do Deus conosco.

O discípulo aberto para Deus faz experiência de filiação autêntica. Na verdade, de *paternidade* única. Deus é um Pai que acolhe e usa de liberalidade para com todos. Nossa conclusão: quem segue o Filho, cultiva a atitude de confiança filial, no amor misericordioso de Deus. Não há bons ou maus, justos ou injustos, definitivamente. Centrado neste Deus de Jesus Cristo, o discípulo somente pode fazer a opção pela misericórdia. O amor compassivo de Deus, manifestado em Jesus de Nazaré, constitui-se como eixo do discipulado. Entende-se, portanto, a insistência de Mateus em temas como o perdão, inclusive aos inimigos! Qualquer forma de exclusão não se coaduna com o ensinamento de Jesus.

Compreendemos também que a justiça do Reino dos Céus rejeita toda forma de violência e agressão. O caminho do entendimento mútuo mostra-se bem mais concorde com o modo como Deus atua. A decisão de quem segue os passos de Jesus não pode vacilar. É preciso trilhar o caminho estreito do empenho ético diligente. Deste modo, verdadeiras transformações acontecem. O embate mateano com a perniciosa justiça dos fariseus faz rejeitar a religiosidade de aparências. Esta não promove

relações novas segundo a vontade do Pai. Ao contrário, torna-se simulacro de vida cristã e legitimação injusta de práticas que nada tem de sintonia com a fé.

Por fim, considerando que a autenticidade do discípulo será medida pela coerência entre palavra e ação, podemos reafirmar que somente os que ouvem a Palavra e praticam gestos de misericórdia serão bem-aventurados. A dimensão ética da vida cristã não é a única, certamente. Entretanto, a leitura do Sermão da Montanha levou-nos a concluir que é, absolutamente, incongruente alguém professar a fé em Jesus Cristo e agir centrado em seus próprios interesses. O querer de Deus se sobrepõe a tudo! O querer de Deus é misericórdia e não sacrifício. O discípulo do Reino responde ao chamado de fé, comprometendo-se, livremente, em doar a vida: "Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me" (Mt 25,35-36).

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

BARBAGLIO, Giuseppe. "O Evangelho de Mateus". In: BARBAGLIO, Giuseppe *et alii*. Os Evangelhos (I). São Paulo: Loyola, 1990. pp. 35-71; 104-149.

DUMAIS, Marcel. *O Sermão da Montanha: Mateus 5-7*. São Paulo, 1998. (Cadernos Bíblicos, 73)

GOMES, João Batista. *O Judaísmo de Jesus: o conflito igreja-sinagoga no evangelho de Mateus e a construção da identidade cristã*. São Paulo: Loyola, 2009. (Coleção FAJE)

JEREMIAS, Joaquim. *O Sermão da Montanha*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1976.

LOCKMANN, Paulo. Uma leitura do Sermão do Monte (Mateus 5-7): o Sermão do Monte no evangelho de Mateus. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 27, 1997. pp. 48-55.

LUZ, Ulrich. *El Evangelio segun San Mateo I: Mt 1-7*. Ed. Salamanca: Sigueme, 2001.

OVERMAN, J. Andrew. *O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

VITÓRIO, Jaldemir. O discipulado cristão segundo Mateus – A figura de José (Mt 1,18-25). *Convergência* 39 (2004/nº 378) 589-607.

\_\_\_\_\_. Destinatários do *querigma* evangélico na perspectiva de Mateus, *Revista Eclesiástica Brasileira* 57 (1997) pp. 353-365.

\_\_\_\_\_. “Cristologia em contexto de conflito. O caso Mateus”, *Convergência* 33 (1998) pp. 45-61.

VV.AA. *Leitura do Evangelho segundo Mateus*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. p. 41. (Cadernos Bíblicos, 12)

\_\_\_\_\_. *A mensagem das bem-aventuranças*. São Paulo: Edições Paulinas, 1982. (Cadernos Bíblicos, 15)

ZUMSTEIN, Jean. *Mateus, o teólogo*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990. (Cadernos Bíblicos, 48)